

DISCURSO (S)

M. Marta Ciccone

Fonoaudióloga

Especialista em Patologias da Linguagem

Membro Associado da Sociedade de Psicoterapia

Analítica de Grupo do Rio de Janeiro

Como coloca A.G.Cabas (1982) "quem DIZ CURSO está dizendo caminho. Caminho que, quando formulado em palavras, se denominará DISCURSO."

Mas, que caminho é esse? que formulação e palavras serão essas?

Quando se pensa em curso, se pode pensar no de um rio - com foz e com desembocadura - e numa história contínua, sempre realimentada pela nascente, que se desenrola, leito a frente, de modo insólito.

Quando se pensa em formulação, se pode evocar fórmula (de ação). E, então, se pensa num espaço cifrado, como o de um código. Um espaço onde inscrevem constituintes que se contêm e, ao mesmo tempo, se excluem, uns aos outros, em suas íntimas relações.

Como, pois, se pode dar um código num curso? ou, ainda, como acontece uma formulação em um caminho?

Em "O Futuro de uma Ilusão", Freud (1978) trata de dois valores que, como aqueles, se atravessam, quando aqui se lê como um (per) curso o de uma história da civilização, e como algo formulado - porque socialmente codificado - o espaço de constituintes de uma cultura. E, nesse sentido, essa cultura será como que um campo discursivo, em relação àquela dada história.

Agora, se quando se diz DISCURSO se pensa numa formulação por palavras, a que ordem de significação se remeteriam esses símbolos? Se convencionalmente regulados, como podem dar conta de um percurso inédito, porque particular? E mais, se já existem antes, a se também persistem (e insistem) após o término de uma história formulada por elas, de que vertedouro fluiriam essas palavras?

A partir de Saussure, e como o "Cours de Linguistic Générale", a lingüística, já como ciência, interessou-se pela descrição sistematizada de fatos de códigos falados, firmando como pressuposto uma oposição entre: a) língua - enquanto sistema, e b) fala - enquanto uma sua utilização, individual, na prática comunicativa.

No entanto, e como faz ver Coudry (1988) ao excluir de seu projeto frases que (...) "pareciam o resultado de uma combinatória livre do sujeito", Saussure teria levado muito além do necessário um seu afã reducionista.

Mais adiante, com o programa chomskyano, iria dar-se uma revolução, paradigmática, na lingüística. Contudo, refere ainda Coudry (1988) "o sujeito, que parecia reincorporado, aqui, por uma perspectiva psicológica, fica excluído da teoria, que visa estabelecer, como base explicativa, um sistema de universais independentes da atividade dele próprio". E, assim, nenhuma dessas duas teorias teria dado conta de incluir o sujeito, ou sua subjetividade, a não ser por uma concepção teórica, idealizada, e árida. Ficava esse sujeito, pois, fora de sua própria história formulada.

Foi num intervalo entre esses dois discursos científicos que Lacan, ao retomar o signo lingüístico, atribuiu-lhe o que chamou de VALOR de significação. E, uma das conseqüências disso foi que, invertendo o esquema saussureano Lacan remeteu ao significante a função maior de formular o significado, o que acabou por incluir o sujeito da fala, definitivamente, nesse espaço.

Agora, o que teria a ver, então, com o discurso essa formulação tratada por Lacan? E o sujeito desse discurso, como se construiria ele, e como se construiria sua fala, ou seria o seu falante? Afinal, seriam paridas, ou seriam parideiras as palavras, que formulam cursos?

Parideiras, antes de serem paridas, diria Lacan. E com isto se sublinha, que num primeiro corte não se separa, de fato, o que era "dois-em-um". Simbólica e seqüencialmente o que se dá é que rompido o cordão umbilical, que unia, sucede-lhe a ligação que é seio-boca, para que em seguida abrir-se o OLHO imaginário. e, aqui, o filhote do homem que agora VÊ, se VÊ falado. No lugar mesmo de um significante formulado no (e pelo) discurso do OUTRO. Um OUTRO, que nesse momento se constitui na função de uma mãe, que fala o filho.

Nesse percurso, só depois de um tempo irá impor-se, que em nome de um pai - arauto da lei - seja consumado, afinal, aquele corte. É quando, com o aval daquela mãe, um real, um NÃO se confirma ali, e se desgarrar e pode nascer, por fim, o sujeito, que do enunciado passa para a enunciação. Que foi parido pelo simbólico da fala.

A partir daí, inscrito que já estava no que há de social no código, imprime-se no caminho desse recém-nato um pai simbólico - guardião da diferença - que marcou e que agora lhe passa a senha, para que o filhote dê conta de formular sua jornada.

No desenrolar disso tudo, eis aí a gênese de como se constrói e vai se constituindo um discurso. Discurso que, por uma cadeia simbólica de significantes, pode velar o não-dito, pelo que é dito. Discurso, que em seu percurso vai atravessar o social da língua, e o particular da fala. Discurso que, então, fica sendo um curso formulado por palavras. Palavras que se sedimentam e que se decantam formando, assim, um determinado grupo de fala. E, segue daí, a história da grande busca no(s) caminho(s).

NOTAS E REFERÊNCIAS

- CABAS, A.G. (1982) - Curso e Discurso da Obra de Jacques Lacan - São Paulo, Ed. Moraes. pp.1: 18-9; 70.
- COUDRY, M. Irma H. (1988) - Diário de Narciso - São Paulo, Martins Fontes Editora Ltda., pp. 22-3; 26-7.
- FREUD, S. (1974) - Obras Completas, vol. XXI - Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., pp. 15-20
- GARCIA-ROZA, L.A. (1988) - Freud e o Inconsciente - Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda., pp. 187-7
- LACAN, J. (1965) - Le Stade Du Miroir Comme Formateur De La Fonction du Je - Paris, Editions du Seuil, p. 93.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. (1988) - Vocabulário da Psicanálise - São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.